

ALFALETRANDO: O TEXTO COMO EIXO CENTRAL NA APRENDIZAGEM INICIAL DA LÍNGUA ESCRITA PELA CRIANÇA

CLARA DA CONCEIÇÃO HERCULINO PINHEIRO¹
FRANCISCO MÁRIO CARNEIRO DA SILVA²

RESUMO

O texto oportuniza grandes contribuições no processo de alfabetização e letramento. Como elemento sociocomunicativo, ele proporciona, aos aprendentes da língua, experiências de compreensão reflexiva do que se lê e se escreve, estimula o entendimento das diferentes situações e contextos no qual as crianças estão inseridas. Nessa linha, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as contribuições do texto para o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tendo Soares (2016, 2020) e Koch e Elias (2008) como nossas referências basilares, propomos uma reflexão sobre o assunto em questão. Essa investigação, de caráter qualitativo, consiste em uma pesquisa bibliográfica. A partir de outras articulações teóricas (BRANDÃO; LEAL; NASCIMENTO, 2013; COSTA; GONTIJO, 2017), defendemos o texto como eixo central de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Assim, concluímos que, através da leitura de textos, a criança desenvolve habilidades de usos sociais da escrita, possibilitando uma compreensão da realidade social na qual está inserida.

Palavras-chave: Texto, Alfabetização, Letramento.

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), clara.pinheiro@aluno.uece.br;

2 Professor orientador: Mestrando em Linguística na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mario.carneiro@ufpe.br.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, pensar em alfabetização como codificação/decodificação da língua escrita é superficial e pouco produtivo. Os pesquisadores que refletem sobre a aprendizagem da língua portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pensam a alfabetização associada ao letramento. Saber uma língua é, portanto, associar o conhecimento da língua ao seu uso em contextos sociais e culturais.

O ensino passou e tem passado por constantes transformações, procurando se reestruturar conforme as necessidades educacionais ou mesmo com os modelos de sociedades vigentes que vão se constituindo ao longo do tempo. Essa reestruturação do ensino vai desde o aluno à equipe escolar. A escola se reorganizou física e estruturalmente. Nesse sentido, para acompanhar as mudanças exigidas socialmente, visto que a sociedade vem mudando e se reorganizando, o/a educador/a precisa revisar constantemente sua prática pedagógica para atender as demandas sociais.

Por ser um/a agente ativo nas mudanças sociais, pois lida diretamente com o processo de aprendizagem do indivíduo, o/a educador/a necessita estar em constante busca pela melhoria na educação, e, para isso, é necessário se aperfeiçoar nos métodos pedagógicos, entendendo as mudanças conceituais e sociais que emergem.

O professor-alfabetizador, em especial, tem um grande desafio: propor um espaço de interação com práticas sociais de leitura e escrita à criança em processo de alfabetização. Com base no que fora discutido até aqui, objetivamos, com este trabalho, refletir sobre o texto como eixo central no processo de alfabetização. Pensamos o texto como processo que possibilita que a criança desenvolva habilidades e competências necessárias à prática social de leitura e escrita – articulando o letramento como a forma mais ampla de alfabetização.

A partir do exposto, elencamos o seguinte questionamento: como utilizar o texto no processo de alfabetização e letramento para ampliar a leitura de mundo das crianças?

Em tese, todas as pessoas estão inseridas num ambiente letrado, embora grande parte não seja alfabetizada. Numa sociedade grafo-cêntrica e letrada, alfalettar é inserir o sujeito num mundo vivido, cheio de cultura e arte (SOARES, 2020). Alfabetizar-se em práticas de leitura

e escrita é necessário para que o sujeito participe ativamente dos processos sócio-políticos e culturais. Justificamos, com isso, a escolha pela discussão crítica da temática em tela.

No primeiro momento da discussão, apresentamos e discutimos os conceitos de alfabetização e letramento, fazendo um paralelo entre as semelhanças e diferenças desses conceitos. Posteriormente, discutimos o significado da apropriação da escrita e do uso social desta pelo indivíduo. Em paralelo, reforçamos a importância do texto como eixo central da alfabetização de crianças, discutindo especialmente como este ajuda a desenvolver habilidades críticas e contextualizadas com a realidade dos indivíduos. Por fim, diante de toda discussão aqui proposta, apresentaremos as considerações finais.

METODOLOGIA

A referida pesquisa visa refletir sobre a utilização do texto no processo de alfabetização e letramento. Tomamos como pressuposto que o texto serve como instrumento de interação entre os sujeitos, possibilitando a ampliação da leitura de mundo das crianças para que, enquanto indivíduos, possam se apropriar da cultura e dos ditames de uma sociedade alfaleturada.

Para tal objetivo, devemos ressaltar que, segundo Gil (2017), a ciência é feita quando nós, enquanto pesquisadores, abordamos os fenômenos aplicando recursos técnicos, seguindo um método a partir de fundamentos epistemológicos. Nesse sentido, nossa pesquisa é de natureza qualitativa que, segundo Minayo (2016), trabalha com os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Propomos um estudo bibliográfico que possa contribuir para fundamentar os estudos sobre alfabetização e letramento. Nossa reflexão é pautada nas discussões sobre alfabetização e letramento (SOARES, 2016, 2020) e texto numa perspectiva sociocognitiva-interacional (KOCH; ELIAS, 2008); aliada à reflexão proposta por Paulo Freire sobre a importância do ato de ler (1989) para compreensão de sujeito, seu papel na sociedade e compreensão de mundo.

ALFALETRAR: TEXTO COMO EIXO CENTRAL

Tendo em vista o acúmulo de cultura e conhecimento da humanidade, as muitas movimentações históricas, políticas, sociais e culturais que emergem desde a antiguidade até nossa líquida pós-modernidade, apropriar-se de um código linguístico é deveras importante para ler criticamente a realidade. Assim, faz-se necessário iniciar esta discussão apresentando o significado, as diferenças e articulações entre alfabetização e letramento, e como esses dois processos funcionam na aprendizagem da língua escrita pela criança.

Mais do que codificar e decodificar textos, as crianças precisam entender e participar das práticas sociais de leitura e escrita. Mais do que saber ler e escrever “José jogou a bola”, as crianças precisam entender (1) quem é “José” na sociedade, (2) que modelo de sociedade é essa, (3) qual o papel que José desempenha nessa sociedade, (4) como José teve acesso a bola, dentre outras questões da ordem do social.

Magda Soares nos ensina que “letrar” significa muito mais que ensinar letras ou literatura, significa até mais do que dominar a técnica da escrita. Letrar é, portanto, fazer uso competente de uma tecnologia – a língua –, fazer uso social dessa capacidade de ler e escrever que, vale destacar, contribui para a efetiva participação na sociedade – em suas articulações políticas e culturais. Letrar-se é se auto afirmar enquanto sujeito histórico.

A escrita é uma tecnologia, pois surgiu para atender as necessidades das pessoas em se comunicarem. Com o surgimento das grandes cidades e o crescimento do comércio no final do quarto milênio a.C, a escrita veio para atender as demandas oriundas da complexidade das relações entre os cidadãos dessas novas cidades que precisavam de uma tecnologia para suprir as necessidades de comunicação que emergiram desse crescimento. Como afirma Magda Soares (2020, p. 24), “a escrita surgiu, pois, como uma tecnologia que, como toda e qualquer tecnologia, veio responder a práticas sociais, econômicas e culturais”.

A língua, mais que um sistema abstrato de signos (SAUSSURE, 2020), é um instrumento de comunicação. Serve para, dentre outras coisas, interagir socialmente com nossos pares. Assim, fazer lista de compras, deixar um recado para alguém, ler o nome dos produtos que compramos e seus valores, ler as placas de trânsito, pegar uma condução para nos locomover, dizer o quanto gosta de alguém, enviar um

e-mail, ir ao banco, fazer pagamentos, vender, votar, ler livros e usar nossas redes sociais são algumas atividades que fazemos com/a partir da língua. Já pensou o que seria das nossas vidas sem o uso da língua? O quão difícil seria? Nesse sentido, podemos perceber que a língua, escrita ou falada, serve para atender demandas sociais de comunicação no contexto em que vivemos, onde ler e escrever são imprescindíveis. Conforme Soares (2020) explica, os indivíduos precisam responder às demandas sociais da escrita e aprender a técnica da escrita. Ou seja, elas precisam estar alfabetizadas e também letradas.

Soares analisa que no processo de alfabetização, três aprendizados se sobrepõem: (1) o sistema de escrita alfabética, quando uma criança sabe o som da letra e a professora ensina a maneira correta de escrevê-la, associando-a à alguma forma para que o aprendente reconheça o formato da escrita destas letras e conseqüentemente consiga diferenciá-las das demais; (2) uso da escrita na construção de textos, junção de várias letras que formam palavras, que podem ser utilizadas na construção de textos como bilhetes, mensagens ou qualquer outra maneira de se comunicar; (3) o uso da escrita nos contextos culturais e sociais, quando, ao formar palavras, a comunicação/socialização se torna possível, fazendo com que o sujeito desempenhe sua autonomia para se expressar e conviver em sociedade, atendendo às demandas sociais e culturais.

Dessa maneira, esses três campos que falam sobre a tecnologia da escrita e como usá-la para se expressar e interagir, atendendo às demandas sociais, apontam para os processos de usos social da fala e da escrita.

Para Magda Soares (2020), alfabetização é um processo onde o indivíduo apossa-se de um “conjunto de técnicas”. Essas técnicas possibilitam a aquisição de “procedimentos e habilidades” indispensáveis para o exercício da leitura e da escrita. Podemos citar as seguintes técnicas: dominar a escrita alfabética e as normas ortográficas; desenvolver habilidades motoras que possibilitam o uso de instrumentos da escrita (lápiz e caneta, por exemplo); adquirir procedimentos de escrever e ler (postura corporal); seguir convenções ao ler e escrever em uma ordem (de cima pra baixo, da esquerda para direita); entre outras como “a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel etc. (SOARES, 2020, p. 27). Toda descrição

anterior caracteriza o que Magda Soares define enquanto tecnologia da escrita.

Já o letramento está relacionado às “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita” (SOARES, 2020, p. 27). O letramento, portanto, diz respeito a habilidades como interpretação e contextualização; expansão do conhecimento de mundo; possibilidade de informação para melhoria da interação e do diálogo com os pares; para diversão e construção do imaginário social; ampliação de vocabulário; melhora da capacidade de argumentação (IDEM, 2020).

Por isso, vale destacar que o letramento é um fenômeno complexo e heterogêneo, visto que o uso da língua se desdobra em variados contextos sociais. Por conseguinte, podemos usar o termo letramentos, no plural, ou multiletramentos para se referir a outros sistemas de representações além do linguístico. Nesse sentido, entendemos letramentos tanto como “conjunto de capacidades para usar a língua escrita nas diferentes práticas sociais”, quanto “para designar o próprio conjunto das práticas sociais que envolvem o texto escrito” (SOARES, 2020).

A alfabetização se diferencia do letramento pela sua natureza, mas os processos são pedagogicamente simultâneos. Alfabetização é o desenvolvimento de capacidades e habilidades que nos tornam aptas/os a utilizar as técnicas da escrita e leitura. Soares (2016 p. 16) denomina a alfabetização como “aprendizagem inicial da leitura e da escrita” e propõe que o letramento diz sobre o manejo ao utilizar essas capacidades para alcançar um objetivo em meio a sociedade.

Assim, a partir de uma perspectiva crítica de se pensar os processos educativos nas escolas, devemos preparar os alunos para serem capazes tanto de codificar e decodificar a língua através da leitura e da escrita, quanto utilizá-la socialmente. Pois quando se ensina o processo da escrita como uma nova forma de conhecer o mundo, ensina-se a refletir, provocando questionamentos sociais, direcionando o olhar dos sujeitos para a compreensão da realidade social e do mundo em que vivem. Permitindo assim criar sujeitos ativos na transformação da sociedade.

Nesse sentido, para desenvolver a capacidade de interpretação necessária do processo de letramento, acreditamos que a utilização de textos seja uma das melhores maneiras de inserir o indivíduo no

mundo da linguagem. O processo de inferência é intrínseco à atividade leitora: ao selecionarmos um texto, fazemos deduções e levantamos hipóteses antes mesmo de iniciar a leitura. Nesse processo de inferência, nosso conhecimento de mundo é mobilizado para preencher as lacunas que nos deparamos ao ler um texto.

O texto é uma ferramenta que estimula a interatividade social entre escritor e leitor, visto que há, por meio da língua, um movimento de comunicação – seja para dar ou receber informações; ou expor ideias etc. Adotamos, para a presente produção, a concepção de texto definida por Koch e Elias (2008). No livro “Ler e Compreender”, as autoras apresentam três concepções de leitura, tendo como base o foco no autor, no texto e na interação. Assim, segundo Koch e Elias (2008), o texto pode ser entendido através de três concepções, que partem de perspectivas diferentes.

A primeira concepção de texto tem como foco o autor. Nesta concepção, a língua é vista como representação do pensamento de um sujeito que constrói uma representação mental (texto) para que o leitor capte a mensagem tal e qual foi idealizada. Nesta concepção, destaca-se a passividade do leitor, que entende e aceita a intencionalidade do autor. Nessa perspectiva, a leitura é vista como mera captação das ideias produzidas pelo autor.

A segunda concepção de texto tem foco no próprio texto. Nela, a língua é um código, e o sujeito é determinado, ou seja, sem consciência. “O texto é visto como simples produto de codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor-ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado” (KOCH e ELIAS, 2008, p. 10). Nesta concepção, o leitor é apenas um reprodutor do código e a leitura uma atividade linear na qual está tudo posto, cabendo ao leitor reconhecer, única e exclusivamente, o sentido das palavras e estruturas do texto.

A terceira concepção difere das anteriores, pois concebe o sujeito como ativo e participante na construção do texto. O leitor, enquanto co-participante da construção do sentido do texto, infere conhecimentos, considera o que está implícito no texto. Nesse sentido, o foco está na interação autor-texto-leitor. Nesta concepção, o texto não é produto, mas processo. Nesse segmento, a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos (KOCH; ELIAS, 2008).

Por pressupormos a língua como um meio de interação dialógica entre os sujeitos; o texto como uma construção fruto da interação sujeito-contexto; e o leitor como construtor de sentidos, adotamos a terceira concepção de texto (KOCH; ELIAS, 2008). Assim, de agora em diante, ao tratarmos de texto, estaremos falando de um processo de elaboração de sentidos que ocorre na interação sujeito-contexto. A leitura, nessa perspectiva, é uma atividade interativa de produção de sentidos (KOCH; ELIAS, 2008).

O texto se coloca importante para compreender nossa relação com a linguagem. Quando uma criança lê, está sendo incentivada a imaginar, contar, criar e escrever. Dessa forma, está desenvolvendo além da leitura e da fala, sua capacidade interpretativa e argumentativa, o conhecimento dos sentimentos, socialização e aumento do vocabulário.

Devemos considerar que a língua escrita é uma ferramenta cultural, pois permite a interação entre indivíduos na sociedade. Nesse sentido, conforme pontua Emília Ferreira (1999), a criança não chega na escola como uma tábula rasa. Antes, elas possuem algum conhecimento da e sobre a língua, fruto de contatos com a língua que antecedem sua inserção no âmbito escolar. Assim, devemos valorizar os conhecimentos prévios de cada aluno, considerando o universo sociocultural da criança, tendo o professor como mediador e não apenas como transmissor de informação.

Para reforçar o que expomos acima, Paulo Freire afirma que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. (FREIRE, 1989, p. 9).

Numa sociedade grafocêntrica como a nossa, o processo de aquisição de leitura e escrita é uma etapa muito importante na vida de um indivíduo, pois trata-se não apenas de uma etapa de escolarização, mas de participação da cultura; é o domínio da língua de um povo e conseqüentemente da cultura desse povo; é a compreensão do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita e conseqüentemente das maneiras de se comunicar. Além disso, é um processo de construção de autonomia dos leitores e aprendentes da língua.

Para ilustrar, citamos o livro infanto-juvenil *Marcelo, Martelo, Marmelo*, de autoria de Ruth Rocha, que nos mostra a relação da

criança com a língua. A obra nos instiga a pensar sobre a complexidade da construção e entendimento da língua a partir da ótica de uma criança. Na obra, o protagonista Marcelo questiona os seus pais sobre a lógica dos nomes das coisas. Marcelo faz uma leitura crítica do mundo, fomentando a discussão outrora proposta pelo pai da linguística moderna, isto é, para Marcelo (contrariando Saussure), a língua é uma mera nomenclatura das coisas do mundo.

Na obra em questão, Ruth Rocha nos mostra que as palavras têm um papel tão importante quanto os personagens e que as crianças podem e devem questionar a origem, a formação e a lógica das coisas. Marcelo forma suas opiniões sobre as palavras mais coerentes para designar cachorro, casa e fogo, tomando a decisão de anunciar aos pais que “embrasou a

moradeira do latildo” ao invés de “a casa do cachorro está pegando fogo”. É evidente que este texto de literatura infantil, além de entreter, assume uma configuração educativa, possibilitando uma reflexão crítica sobre o uso da linguagem como convenção social e a criança enquanto sujeito ativo no processo de aprendizado. Reflexão necessária para crianças em processo de alfabetização e letramento.

Além de refletir sobre aspectos da língua que podem ser viabilizados pelo estudo do texto, fica evidente a necessidade de refletir sobre métodos de alfabetização³, tendo em vista a presença dessa discussão na contínua formação do educador. Procurar metodologias e caminhos para a alfabetização é uma constante na vida do professor. Frade (2005, p. 16) destaca que

Além de o professor alfabetizador precisar entender os métodos clássicos de alfabetização, precisa ainda tomar decisões relativas a diversas ordens de fatores. Seu trabalho implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à pesquisa sobre práticas culturais de escrita na família e na comunidade, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino.

3 Por método de alfabetização, entende-se um conjunto de procedimentos que, fundamentados em princípios, orientam a aprendizagem inicial da língua escrita (Soares, 2016, p. 16).

Além de o professor alfabetizador precisar entender os métodos clássicos de alfabetização, precisa ainda tomar decisões relativas a diversas ordens de fatores. Seu trabalho implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à pesquisa sobre práticas culturais de escrita na família e na comunidade, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino.

Não existe apenas um método ou “o método” eficaz para alfabetizar. Não existe o caminho totalmente correto nem tampouco é como uma receita de bolo. Nesse sentido, os professores não podem se prender a práticas únicas como se cada indivíduo fosse igual ao outro. Devemos considerar as particularidades de desenvolvimentos. Devemos analisar o melhor método ou prática relativa à necessidade de cada criança, levando em consideração as práticas de letramento que ela está inserida, sobretudo no âmbito familiar.

No Brasil, diferentes métodos de alfabetização foram utilizados ao longo dos anos. Com o tempo, devido à necessidade de melhoria ou por considerar métodos anteriores ultrapassados, houve buscas por melhorias e inovação nas práticas de alfabetização. Durante a história da educação, os métodos foram agrupados em dois tipos: Sintéticos e Analíticos. “Os métodos sintéticos vão das partes para o todo” (FRADE, 2015, p. 22), que abrange os métodos alfabético, fônico e o silábico que possuem a letra, o fonema e a sílaba, respectivamente, como unidade de análise. “Os métodos analíticos vão do todo para as partes” (2015, p. 22) onde o foco está na interpretação para que a criança foque primeiro no contexto, iniciando de partes completas de linguagem para dividi-las depois. Esse método estrutura-se em Global, conhecido como método de contos onde se tem textos com estruturas de começo, meio e fim; Sentenciação, quando parte do ensino que começa por frases inteiras; e palavrção, que explora a palavra.

O método analítico dialoga com a prática da utilização de textos por acreditar que o aprendente percebe primeiramente o contexto e posteriormente compreende palavras, sílabas e sons. Isto significa que nos métodos analíticos o aprendente assimila primeiro o contexto no qual está inserido. Como por exemplo no método Global, quando começamos a partir da leitura. Para Soares (2020), nós, seres humanos, adquirimos a fala naturalmente, pois trata-se de um estímulo

geneticamente programado. Já a escrita é uma tecnologia criada. Essas duas capacidades (fala e escrita) se equiparam em seus papéis de interação. E a maneira de desenvolver essas duas capacidades é ouvindo e lendo textos. Da mesma maneira que a criança aprende a falar no momento de interação e socialização ao escutar e tentar reproduzir, ela também aprende a escrita interagindo com textos.

É importante ressaltar que uma criança alfabetizada não é uma criança letrada. As diferenças entre esses dois processos está no fato de que uma criança só pode ser considerada letrada quando ela consegue se expressar através da escrita, interpretar uma história, entender um texto e falar com clareza. Nesse sentido, as diferenças entre alfabetização e letramento está na qualidade do domínio da leitura e da escrita, na forma como eles interpretam um texto e na frequência com que elas utilizam a linguagem no dia a dia quando sai na rua, vai no mercado, quer comprar algo ou expressar seus sentimentos e sua opinião em uma conversa.

Pensando o texto como elaboração de sentidos que ocorre na interação sujeito-contexto; e leitura como uma atividade interativa de produção de sentidos (KOCH; ELIAS, 2008), vale aqui destacar que o processo de alfabetamento deve ser entendido como um processo de aprendizado que se dá a partir de textos. Ou seja, esse processo de apropriação da leitura e da escrita, visando sua efetiva execução nas interações sociais, deve ser mediado por esse processo de construção de sentidos que leva em consideração o sujeito em seu contexto.

Paulo Freire diz que “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1989, p. 9)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou refletir sobre as contribuições da utilização do texto no processo de alfabetização e letramento de crianças, para que elas possam, além de aprender a codificar e decodificar a língua, ampliar a leitura de mundo e se apropriar da cultura, sendo sujeitos ativos em seu processo de formação e aprendizagem. Visou ainda, elucidar os conceitos de Alfabetização e Letramento, suas diferenças e semelhanças, e como a leitura de textos contribui para formação do sujeito e a interpretação de mundo e sociedade.

Diante de todo o exposto sobre Alfabetização e Letramento, tendo o texto como aliado fundamental ao processo de construção de sentidos e aquisição da língua, refletimos sobre a importância da leitura na vida das crianças mostrando que, quanto mais se lê, mais aumenta a nossa capacidade de perceber, indagar, e de transformar. A medida que vamos lendo, vamos desmitificando nossos medos, achando respostas aos nossos questionamentos e ampliando a nossa compreensão de mundo.

O processo de Alfabetização não acaba simplesmente ao conseguir codificar e decodificar signos. É preciso compreender a necessidade de despertar a capacidade de indagação e formulação de hipóteses na mente das crianças, para que elas criem possibilidades capazes de resolver problemáticas que permeiam a vida em sociedade. O âmbito escolar e alguns processos da educação, como a Alfabetização e o Letramento, podem oportunizar a dialogicidade que impulsionam a novas ações gerando mudanças em uma realidade dinâmica. Concluímos assim, que o processo de aprendizagem carrega uma grande responsabilidade social e o educador é uma agente importante nessa ação, capaz de despertar mudanças e melhorias. O Ato de ler deve ser visto sempre como um ato revolucionário para transformação social, visto que ele permite reflexões capazes de mudar a sociedade e o mundo em que vivemos.

Retomar o objetivo, apresentar síntese da reflexão proposta, apresentar aspectos que podem ser investigados no futuro.

AGRADECIMENTOS

Ao mestrando Francisco Mário Carneiro da Silva, que paciente-mente se disponibilizou a refletir sobre os conceitos da pesquisa e realizar as devidas correções.

A professora Maria Anitta Lustosa que sempre me incentiva na busca pelo desempenho

Ao meu companheiro, que todos os dias se propõe me ajudar na labuta diária para eu consiga escrever e estudar.

REFERÊNCIAS

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011.

FRADE, I. C. A. S. **Métodos e didáticas de alfabetização:** história, características e modos de fazer de professores. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Faculdade de Educação. UFMG, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. 2. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias.** 47ª Ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2020.